

1. O APOGEU DA EUROPA

No início do século XX, a Europa está no apogeu da sua força. É a primeira potência industrial, comercial e financeira. Colocou sob o seu domínio a maior parte da África e da Ásia. No entanto, cada vez mais, tem de fazer frente a novos concorrentes: os Estados Unidos da América e o Japão.

O predomínio europeu

A industrialização permitiu o enriquecimento da Europa e a consolidação de uma hegemonia sobre o mundo que já vinha, aliás, dos séculos anteriores (**docs. 1 e 4**).

Ao começar o século XX a Europa é

- a «*fábrica do mundo*» — assegura por si só metade da produção industrial mundial e exporta para toda a parte os seus produtos manufacturados (tecidos, máquinas, etc.), recebendo em troca as matérias-primas (lã, algodão, borracha, metais) de que tem necessidade;

- *o maior banqueiro mundial* — a Europa investe os seus capitais em todos os continentes e em todas as actividades (plantações, minas, caminhos-de-ferro, portos) obtendo assim lucros fabulosos (são europeus 88% dos capitais investidos no mundo);

- *o principal centro de comércio* — pertencem-lhe quase todos os meios de comunicação (as grandes companhias de transporte, os cabos telegráficos submarinos) através dos quais controla o comércio mundial (62% das trocas mundiais são realizadas pelos países europeus);

- *o mais activo foco cultural* — a esmagadora maioria dos prémios Nobel científicos e literários até 1914 são europeus; aqui se situam as universidades mais prestigiadas; a literatura, a arte e a moda europeias (**doc. 5**) são tidas como modelo em todo o mundo (**doc. 4**).

A importância da Europa no início do século funda-se, em grande parte, no número dos seus habitantes (**doc. 2**). Os progressos da medicina e de higiene e a melhoria da alimentação permitiram uma autêntica **explosão demográfica**: de 1850 a 1900 a população europeia passa de 265 para 425 milhões de habitantes (27% de toda a humanidade), apesar dos 50 milhões de europeus que emigraram para outras regiões do mundo.

Traduzindo a importância crescente das actividades industriais e comerciais, serão os centros urbanos que registam, em percentagem, o maior aumento de população. Em 1870, a Europa apenas contava com 70 cidades com mais de 100 000 habitantes, enquanto que, em 1913, eram já 180. Dez delas ultrapassavam mesmo o milhão de habitantes, entre as quais se destacavam as grandes metrópoles de *Paris* (**doc. 3**), *Londres* e *Berlim*.

Por toda a parte se respira um clima de confiança e optimismo. A burguesia cresce em número e em riqueza. O próprio operariado vive um pouco melhor, graças a um lento mas constante aumento dos salários. É certo que continuavam a existir fome e miséria, mas os Europeus, que tinham assistido ao prodigioso desenvolvimento técnico das últimas décadas, estão convencidos de que rapidamente poderão também ultrapassar esses flagelos.

A prosperidade parecia, de facto, não ter fim. Espectaculares progressos materiais — a *electricidade*, o *gás*, o *telefone*, o *automóvel* (**doc. 7**), o *cinema*, proporcionavam formas de conforto e de prazer até aí desconhecidas.

Especialmente a burguesia vivia uma época que ficou, justamente, conhecida pelo nome de «*belle époque*»: era um tempo de festas, de luxo, de despreocupação e de alegria (**doc. 8**). A *ópera*, os *teatros* (**doc. 6**), os *café-concertos* enchem-se de um público elegante e entusiasmado. Cresce igualmente o interesse pela *vida ao ar livre* e pelo *desporto*, características importantes do nosso século que fazem então o seu aparecimento. A burguesia começa a frequentar as praias da moda e interessa-se cada vez mais pelas viagens a sítios desconhecidos e pitorescos: é também o *turismo* que começa a nascer, favorecido pelas novas facilidades dos transportes.

No alvorecer do século XX, o homem europeu domina o mundo e acredita orgulhosamente na superioridade da sua civilização.

Os rivais da Europa

Os *Estados Unidos* e o *Japão* tornam-se, a partir do princípio do século XX, os grandes rivais da hegemonia europeia e começam a arrebatar-lhe, pouco a pouco, o domínio de alguns mercados mundiais.

Dispondo de um território imenso e rico em recursos naturais, contando com uma população jovem e em permanente crescimento (sobretudo devido à imigração), os *Estados Unidos da América* (**doc. 9**) tinham iniciado desde meados do século XIX um processo de mecanização maciça e de concentração capitalista que levava a um aumento extremamente rápido da sua produção industrial. Em certos domínios (como a produção energética e a metalurgia pesada) passaram a ser os principais produtores mundiais. Praticamente deixaram de importar produtos europeus e tornaram-se os grandes concorrentes da Europa nas exportações para a América do Sul e o Extremo Oriente.

Embora menos favorecido em recursos naturais, o *Japão* irá entrar também na competição industrial. Tendo-se adaptado rapidamente a uma economia capitalista de tipo europeu (**doc. 10**), é já, no início do século XX, uma potência industrial relativamente importante. Pagando salários extremamente baixos, consegue fabricar produtos a preços muito competitivos que exporta para os mercados asiáticos. Como, porém, dispõe de um território limitado e de uma população em permanente crescimento e necessita de matérias-primas e de mercados, cedo vai ter de iniciar, como verá a seguir, um processo de expansão territorial.